



AVENÇADO

Redacção, Administração e Composição:
Rua Barjona de Freitas, n.º 26 e 28
Telefone 82310—BARCELOS

SEMANÁRIO REGIONALISTA—FUNDADO EM 1911
POR PORTUGAL! ✦✦✦ POR BARCELOS!

Impressão: Companhia Editora do Minho
Rua D. António Barroso
BARCELOS

ASSINATURAS: Trimestre, 10\$00; Semestre, 20\$00; Ano, 35\$00
Estrangeiro, ano 60\$00 e por via aérea, 175\$00
África, ano 45\$00 e por via aérea, 110\$00
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Administrador, Proprietário e Director: ROGÉRIO CALÁS DE CARVALHO
Editor: JOSÉ LUCINDO CARDOSO DE CARVALHO

SÁBADO, 13 DE JANEIRO DE 1962

Número avulso—1 escudo!
Os Senhores Assinantes gozam o desconto de 10%
Assinaturas para o Brasil, ano 50\$00, por via aérea 160\$00
ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

A UNIÃO INDIANA PÔDE FAZER A GUERRA CONTRA NÓS MAS NÃO PODE SEM NÓS RESTABELECE A PAZ

No seu último e importante discurso, o Professor Oliveira Salazar mostrou aos Portugueses qual o rumo a seguir perante tantas encruzilhadas, diante de tantos e tão traiçoeiros caminhos. Mais uma vez a sua voz calou bem fundo no coração de todos os Portugueses, e a sua palavra clarividente veio tirar dúvidas, desmascarar hipócritas, falsos amigos e alianças vãs.

O grave problema de Goa veio trazer à Nação uma urgente revisão de princípios, para que exista uma só doutrina, num só português, a gerir os desmandos com os nossos opositores não só do regime mas também, e especialmente, da própria sobrevivência de Portugal como Nação multiracial, e pluricontinental.

Os nossos opositores são todos aqueles que de qualquer maneira traem a consciência de um todo homogéneo, para se entregarem a um autêntico crime de leza Pátria destruindo não só aquilo que os nossos maiores nos legaram, mas essencialmente tudo o que o regime vigente se esforça por congregar, unir mais coerenemente em volta dum bandeira verde-rubra que exprime o sentir nacional.

Transcrevemos agora algumas passagens desse histórico discurso e começamos pelas primeiras palavras proferidas pelo venerando Presidente do Conselho.

«Senhor Presidente da Assembleia Nacional: Senhores Deputados:—Não costumo escrever para a História e sinto ter de fazê-lo hoje, mas a Nação tem pleno direito de saber como e porque se encontra despojada do Estado Português da Índia. Goa portuguesa há 450 anos e agora ocupada pela União Indiana representa um dos maiores desastres da nossa História e golpe muito fundo na vida moral da Nação. Para esta, o Estado Português da Índia sem expressão sensível na economia ou na força política portuguesa, contava sobretudo como padrão de um dos maiores acontecimentos da história do mundo e da comunicação do Oriente com a vida ocidental. Deixá-lo à guarda de um pequeno país que fez sacrifícios ingentes o fator das grandes descobertas devia ser ponto de honra de todas as Nações civilizadas e das que beneficiaram da acção portuguesa no mundo. Que este conceito se tenha chocado com outro de simples ambição expansionista é mais uma prova—e esta flagrante—nos nossos tempos da decadência da legalidade e da depreciação dos valores morais. Esta explicação não é no entanto satisfatória para os portugueses que podem ter esquecido não ser a União Indiana sensível a razões históricas, jurídicas ou simplesmente humanas, mas conviviam em influências que no jogo da política mundial pudessem opor-se com eficácia às ambições de que foi vítima Goa. Temos assim de descer mais fundo no exame da questão e explicar com algum pormenor como tudo foi possível.»

Começando a analisar o problema de Goa, escreveu:

«O caso de Goa pode dizer-se que nasceu no momento em que a União Indiana se tornou independente. Apesar de o Império das Índias se haver dividido em vários Estados, a União Indiana que muito contactadamente teve de conformar-se com a cisão passou a considerar-se a si própria como verdadeira sucessora da Inglaterra e no fundo como o Estado que aglutinaria mais tarde ou mais cedo os outros Estados do Indostão. União Indiana, Índia, Indostão são termos que, confundindo a geografia e a ambição política, passaram a representar uma identidade na mente dos dirigentes de Nova Delhi.»

E mais adiante:

«As acusações contra a administração portuguesa e a falta de liberdade em Goa e as pretensas aspirações dos goeses a desligarem-se da Pátria comum, e o apelo de colonialismo eram tão contra a evidência que não se poderiam com seriedade manter, e foram geralmente considerados simples arma de propaganda política. O facto de todos os goeses serem desde sempre cidadãos portugueses de pleno direito, de possuírem o seu colégio legislativo, de terem representação desde 1822 na Câmara dos Deputados, de ascenderem aos mais altos postos na burocracia e no Governo da Nação de poderem exercer as suas profissões em todos os territórios portugueses, metropolitanos ou ultramarinos, tudo isso destrói pela base a acusação de que o Estado da Índia, mascarado de província, era uma simples colónia. E menos ainda que outros os goeses puderam ser convencidos.»

Continuou para afirmar:

«Os sucessivos fracassos da política indiana, em face de uma decisão firme que pôde com dignidade apagar todos os golpes e sarar todas as feridas, fez exasperar os inspiradores do primeiro-ministro que entretanto permitia a diversão de Dadrá e Nagar Aveli. Aí era mais favorável a posição da União Indiana e desvantajosa a de Goa: os territórios constituíam enclaves, rodeados inteiramente de território inimigo, e o Governo indiano, dentro do respeito sempre apregoado pela legalidade e pela paz, não permitiu mais as ligações. Não as permitiu mesmo depois de o Tribunal Internacional de Haia, a cujo julgamento a União Indiana não pôde esquivar-se, ter reconhecido em acórdão de 12 de Abril de 1960 os direitos de Portugal. Para selar o completo desrespeito pela soberania portuguesa e o desprezo pelo veredicto da mais alta Magistratura internacional, o Parlamento de Nova Delhi acabou por aprovar em decreto a anexação dos referidos territórios.»

Para com a Inglaterra usou os seguintes adjectivos:

«Temos com a Inglaterra velhas alianças consideradas plenamente em vigor pelos dois Governos. Não vale a pena referir-se, porque o essencial para o meu objectivo se encontra na declaração de 14 de Outubro de 1899, vulgarmente chamado Tratado de Windsor. Nesta declaração foi expressamente ratificada a validade do art.º 1.º do Tratado de 1642 e do artigo final do Tratado de 1661: o primeiro refere-se genericamente à aliança entre duas Nações; o segundo contém a obrigação do Governo Britânico de defender os territórios ultramarinos portugueses—na linguagem do tempo: todas as conquistas e colónias pertencentes à Coroa de Portugal—contra todos os seus inimigos presentes e futuros.»

E para justificar a diplomacia Britânica serviu-se do seguinte:

«É peculiar à escola da prudentíssima diplomacia britânica que tanto admito neste particular, esforçar-se, mesmo nos mais

graves circunstâncias, por obter compromissos concretos em troca de promessas vagas; e em face desta tendência uma simples declaração parlamentar, não acordada entre os Governos, não nos pareceu poder ter o valor de interpretação autêntica de um Tratado que demais contém referência expressa às vantagens que Portugal concedera em troca da obrigação assumida pela Inglaterra. A nossa interpretação devia pois ser a melhor.

Eu nunca fizera em mais de trinta anos de governo apelo aos Tratados de aliança, por entender que uma fidelidade nunca desmentida os converteu de textos a invocar e discutir em sentimentos profundos e atitudes permanentes na política das duas Nações. Mas a Inglaterra, sim, invocou expressamente a aliança, por exemplo, para a concessão de facilidades nos Açores em 1943, apesar da nossa declaração de neutralidade no começo da guerra.»

Falou seguidamente da política dos Estados Unidos para com Portugal:

«Vejam os que respeita aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos foram, pelo efeito de duas grandes guerras vitoriosas, como pelo seu poder económico e financeiro, extensão territorial e população, elevados ao mais alto nível entre as nações e havidos como expressão superior e guia do que consideramos o mundo livre. Que intencionalmente, deliberadamente tenham procurado ascender a esta posição ou a ela fossem apenas guindadas pelo conjunto de circunstâncias históricas, não importa. O que a todos nos importa é saber se ocupando o lugar, também estão dispostos a desempenhar a função.»

Falando das duas Nações, Salazar afirmou:

«Não só ambas tinham acabado de desvanecer-se por completo a lenda pacífica da União Indiana como recebiam vir a verificar-se quão frágl e inoperante é o edifício tão amorosamente por elas construído e sustentado para preservar a paz. Mas então, temos de ver o seguinte: há hoje na Índia um pequeno país despojado pela força dos seus territórios, e às portas de Goa duas grandes potências também vencidas—a Inglaterra e os Estados Unidos,



e isto prenuncia para o mundo uma temerosa catástrofe. É triste e desoladora a derrota dos pequenos; mas é incomparavelmente mais grave a impotência dos grandes para defender o direito.»

O Brasil ocupa um lugar de relevo nas relações com a nossa Pátria, através do *Tratado de Amizade e Consulta*. Estudando as possibilidades dos dois países disse:

«Voltemos-nos agora para o nosso Brasil.

O tratado de Amizade e Consulta que lançou as bases da Comunidade luso-brasileira limitou-se a verter para o campo jurídico uma realidade existente; mas só depois de formulado podia eficientemente orientar a política tanto dos dois países entre si como sobretudo da Comunidade em relação ao mundo. As suas grandes linhas, ao mesmo tempo amplas e vagas, podem ser o alicerce duma construção internacional do mais vasto alcance ou limitar-se a inspirar timidamente apenas mensagens sentimentais. Partindo daí, aos estadistas das duas margens do Atlântico incumbe construir de facto a comunidade para benefício das duas pátrias, tal como a História as forjou e portugueses e brasileiros as pretendem perpetuar, e neste sentido envidaremos os nossos melhores esforços.»

Para com a Espanha Salazar usou as mais sentidas palavras de agradecimento:

«Além dos três países referidos cuja actuação política era particularmente fundamental, a Chancelaria portuguesa procurou alertar as Nações amigas em todos os Continentes, mais como mobilização moral em defesa do direito do que acção de que se esperasse efeitos decisivos. A algumas portas não foi mesmo necessário bater, porque comunhão de princípios e a identidade de interesses apontaram sem hesitação o caminho. É de justiça pôr a Espanha em primeiro lugar, muito em primeiro lugar, por si e junto dos países sul-americanos seus amigos, como merecedores da nossa gratidão. Ela tem vivido como nós o drama de Goa, e com razão, porque se há território português que se haja estruturado sob a influência conjunta dos dois Estados da Península, esse é o de Goa, que deve tanto ao génio de Afonso de Albuquerque como à doutrinação de S. Francisco Xavier.»

As Nações Unidas tiveram a sentença de morte, como não podia deixar de ser:

«Estavam esgotados os recursos das nações e individualidades consideradas para deter a agressão indiana. Apenas a actuação da organização mundial, chamada Nações Unidas, podia tentar-se, através do pedido de reunião urgente do Conselho de Segurança. O estudo do problema e a experiência que vamos tendo do funcionamento do sistema não deixavam no nosso espírito dúvidas acerca da inutilidade do apelo. Mas, por um lado, a nossa presença na organização mal se compreendia se a ela não estivessemos dispostos a recorrer; por outro lado, a maneira como havia de comportar-se seria mais uma prova gritante de que, nos termos em que funciona, já está a ser mais do que inútil, porque está a ser prejudicial.»

(Continua na página 2)

T R E G O S A (M E D I T A N D O) . . .

As tristes horas que vivemos com os acontecimentos na nossa Índia, fazem-nos meditar e perguntar a nós próprios, nós os que vivemos fóra da política e até do Mundo, o que significa e qual a finalidade de uma sociedade como a organização das Nações Unidas, cujo fim parecia ser...sonho doirado! conseguir acima de tudo, a Paz.

Mas como poderá uma sociedade, composta de elementos com ideologias contrárias, focar as directrizes pelos mesmos prismas e actuar harmoniosamente?

Não será uma utopia?

Comercialmente, não pomos dúvidas, poderia uma organização de essa envergadura chegar a acordar, vindo a atingir os fins visados; mas, como esperar que certas nações semi-barbaras, pudessem ter o sentido de elevação espiritual, se mesmo dentro da civilizada Europa e em outros povos, altamente mecanizados, a «palavra de honra», deixa de ter sentido, e os compromissos, a mercê das suas turvas políticas, parece caírem em derrocada.

Para nós que encaramos os problemas pelas normas simplistas, como o mais simples dos camponeses, não compreendemos qual a vantagem em pertencer a semelhante organização. Vemos sim a desvantagem.

Se nestas horas graves, os portugueses dos quatro costados, sentem profundamente o luto, como não o sentirão aqueles, cujas raízes, se estendem pela já martirizada Espanha, pela Índia e por Portugal?

Valha-nos a esperança de uma solução pacífica e a consolação, de que Portugal e a Espanha, heróis de Epopeias marítimas, hoje, dando um exemplo ao mundo, continuam sendo, o BALUARTE DA HONRA.

F.

Dr. Joaquim Nunes de Oliveira

Este nosso ilustre Conterrâneo e prezado Amigo, distinto Professor na Universidade do Porto e prestigioso Deputado da Nação, pelo Circulo de Braga, no dia 5 do corrente fez a sua estreia na Assembleia Nacional.

S. Ex.ª pronunciou um brilhante e patriótico discurso, sendo aplaudido por toda a assistência.

O «Diário de Notícias», de Lisboa, relata da forma que segue o que o ilustre Deputado disse:

«Eis uma atitude a adoptar: a de cessarmos o pagamento da nossa quota á O. N. U.—observou o Professor Doutor Joaquim Nunes de Oliveira

«Rendendo calorosa homenagem a Salazar, a propósito do seu notável discurso na Assembleia Nacional, o sr. prof. dr. Nunes de Oliveira glosou as afirmações do Chefe do Governo e a certa altura observou:

«Os portugueses, embora tivessem preferido sabê-lo por comunicação directa do Governo, tomaram ontem conhecimento pelos jornais, e com grande satisfação, em notícias emanadas de Nova Iorque, que Portugal se contava entre os países que se recusaram a suportar as despesas das Nações Unidas no Congo. Ora, dentro da linha de rumo estabelecida pelo sr. Presidente do Conselho, comporta-se mais uma atitude a adoptar, é a de pura e simplesmente cessarmos o pagamento da nossa quota a essa organização porque pagá-la constitui uma forma de colaboração que não corresponde ao nosso interesse directo.»

E, referindo-se aos acontecimentos de Beja, rendeu homenagem á memória do tenente-coronel Jaime da Fonseca e afirmou:

«Impõe-se uma repressão enérgica a todos os falsos portugueses que por aí vagueiam pretendendo perturbar a ordem em que temos vivido e, pior do que isso, a revelarem-se como os mais abjectos traidores à Pátria e que têm o nome de portugueses apenas por terem nascido em Portugal. Política de unidade, sim, mas não de transigência para com aqueles, seja quais forem os luga-



res ou posições que ocupem, que em momento difícil da nossa história procuram enfraquecer e denegrir a Pátria. É este o apelo que faço ao Governo, em nome do bom povo português que aqui represento, aguardando confiadamente uma firme e decidida actuação».

«O Século», também da mesma Cidade, diz : «Política de unidade, sim, mas não de transigência com aqueles que procuram enfraquecer e denegrir a Pátria»—proclamou o sr.

Professor Joaquim Nunes de Oliveira

Também o sr. prof. Nunes de Oliveira se referiu ao magistral discurso do sr. Presidente do Conselho. Expressou o seu sentimento pelo sacrifício dos que tombaram em defesa da Pátria e o seu indignado protesto pela bárbara agressão de que Portugal foi vítima na Índia. Examinou, para as pôr em alto relevo, as afirmações do sr. Presidente do Conselho acerca das Nações Unidas e das atitudes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, afirmando depois: «Todos os portugueses sentem na inteligência e no coração o perigo e a grandeza desta hora, mas confiam na acção do Governo e na firme orientação que nos foi e é transmitida por aquele que encarna o mais nobre e dignificante exemplo de toda uma vida posta ardentemente ao serviço da Pátria—Salazar. O mal de que sofremos, já um dia o afirmei, é o de pertencermos a um mundo enfermo e desorientado, e é dentro das nossas possibilidades, que podem ser grandes se trabalharmos com fé e patriotismo, que deveremos lutar entusiasticamente contra essa desorientação que tudo pode subverter».

Por último, o orador declarou que «se impõe uma repressão enérgica a todos os falsos portugueses que por aí vagueiam a pretenderem perturbar a ordem em que temos vivido e, pior do que isso, a revelarem-se como os mais abjectos traidores da Pátria, e que têm o nome de portugueses apenas por terem nascido em Portugal. Política de unidade sim, mas não de transigência para com aqueles, seja quais forem os lugares ou posições que ocupem, que em momento difícil da nossa História procuram enfraquecer e denegrir a Pátria. É este o apelo que faço ao Governo, em nome do bom povo português que aqui represento, aguardando confiadamente uma firme e decidida actuação».

«O Barcelense» felicita o jovem Deputado.

Laboratório de Análises Clínicas

JOSÉ ANTÓNIO BELEZA FERRAZ

Licenciado em Farmácia
RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 129—1.º Dt.º
Telef. 82624 BARCELOS

O 78.º aniversário dos Bombeiros de Barcelos

As Festas comemorativas do 78.º aniversário da fundação dos nossos Bombeiros Voluntários decorreram com o entusiasmo das dos mais anos, não se realizando a Ceia de Confraternização pelo País se encontrar de luto.

A's 10 horas, com a presença dos Comandos dos Bombeiros de Esposende, Riba d'Ave, Ermezinde, Direcções, Corpos Activos e Comandos dos Bombeiros de Barcelos e de Barcelinhos, foi içada a Bandeira no mastro do Quartel, ouvindo-se, nessa ocasião, uma marcha pelas Fanfarras das duas Corporações da Cidade.

A's 11 horas, na Igreja Matriz, foi rezada a Missa por alma dos Bombeiros e Sócios falecidos. Na devida altura, o Rev.º Prior Padre Alfredo Rocha, pronunciou uma vibrante alocução dedicada aos Soldados da Paz e elogiou a acção da Imprensa local perante a colaboração dispensada aos Bombeiros. Depois, organizou-se o Cortejo que se dirigiu ao Monumento ao Bombeiro Voluntário, onde, no sopé, o Sr. Dr. Adélio de Oliveira Campos, Presidente da Direcção dos Bombeiros de Barcelos, colocou um lindo ramo de flores, oferta do Sr. Manuel A. Vieira, Presidente da Assembleia Geral, e os Bombeiros prestaram continência ao Monumento.

Em seguida, as Corporações foram ao Cemitério Municipal, colocando ramos de flores nos jazigos dos saudosos Comandantes Sebastião de Oliveira, Manuel Pereira Esteves, Joaquim José de Araujo e Frederico Carvalho. No jazigo do Sr. Farmaceutico João Pacheco Leite, seu Neto, João António Faria Leite Vieira, também colocou um bouquet e no jazigo do Sr. Manuel Pereira da Quinta, seu Filho, Sr. Comandante Manuel Pereira da Quinta Júnior, depôs um ramo de flores. O Rev.º Padre João Lima Torres, celebrou o Responso pelo eterno descanso dos falecidos.

São 12,30 horas, o Cortejo segue para o Largo José Novaes, onde o Rev.º Capelão benzeu o novo pronto-socorro, que é um potente «Jeep» equipado com o mais moderno material de incendios.

Após este solene acto, foram condecorados os Bombeiros: Henrique António da Costa Correia, com a medalha de ouro de 30 anos de Bons Serviços; Manuel José de Carvalho, motorista, com a de 15 anos e António Duarte Ferreira Pedras, com a de 10 anos.

Daqui, seguiram em Romagem ao Cemitério de Barcelinhos, colocando ramos de flores no jazigo e no talhão dos falecidos Bombeiros de alem-rio.

NO I A S

No jazigo do Comandante Frederico Carvalho foi colocada uma placa em mármore, na qual se lê:

«A Memória do 2.º Comandante Frederico A. P. de Carvalho. Homenagem da Direcção e Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Barcelos. 0-1-62»

A placa foi descerrada pelo filho do homenageado, Sr. Henrique José Pereira de Carvalho.

Um Grupo de bravos Bombeiros mandou fazer uns lindos «Galhardetes» comemorativos do 78.º aniversário da fundação da Corporação. Agradecemos a oferta de um exemplar, que o Grupo teve a gentileza de nos oferecer.

A' noite, na «Pérola da Avenida», realizou-se um jantar de confraternização entre Bombeiros.

PRESIDENTE DA CAMARA

A fim de tratar de assuntos referentes a melhoramentos na cidade e concelho, partiu terça-feira para Lisboa o nosso respeitavel amigo e illustre conterrâneo Ex.º Sr. Dr. Luis Fernandes de Figueiredo, prestimoso Presidente do Municipio Barcelense.

BARCELOS POR DENTRO

Há já várias semanas que iniciamos esta coluna, onde debatemos alguns problemas que desejavamos ver resolvidos, uma vez que tinhamos bastante a lucrar, pois não só contribuiriam para o progresso de Barcelos, mas também modificariam a fisionomia da cidade, tornando-a mais bela, atraente, sugestiva, aos olhos ávidos de quem pela primeira vez nos visita.

Muito embora os problemas focados nestes últimos números acarretassem pouco dispêndio de capital, outros iriam afectar as parcas possibilidades do apertado orçamento Camarário, mas como para tudo é preciso muito dinheiro, não temos mais que teimar sempre, indo-se buscá-lo onde realmente o há, uma vez que outras terras também o desencentam, contraíndo empréstimos avultados que vão dar andamento às muitas prementes necessidades dessas localidades.

Mas hoje não vamos falar de obras, talvez até para desanuviar um pouco a atmosfera, já que tem sido, nestes últimos dias, pródiga em ofertas, dando-nos uns esplêndidos dias, óptimos para a boa caça, ou para desfrutarmos maravilhosos panoramas, dignos dum bom pincel, duma boa prosa e duma enternecedora poesia. Estão nestes casos o Monte da Franqueira, a Montanha do Facho, o Monte de Airó, mais além o alto do Penedo do Ladrão, ali mesmo o Marachão, em fim, um sem número de locais, onde reina a mão de Deus e o homem procurou tirar deles um pouco de bem estar, de prazer para o seu martirizado espírito.

Ao falarmos destes aprazíveis lugares veio-nos à mente a memória de um Homem que trabalhou imenso por Barcelos, e mais ainda por um cantinho chamado Franqueira, onde a par de enebriantes panoramas naturais, podemos ver a ermida e monumento à Senhora da Franqueira, as ruínas do Castelo de Faria, a citânia do mesmo nome e o Convento Beneditino do Senhor da Fonte da Vida».

Esse illustre Barcelense era o nosso saudoso Amigo Ex.º Sr. Conde de Vilas Boas. A Ele se deve a construção da pousada que aí se vê e uma parte do incremento dado a esse recanto, sala de visitas de Barcelos, por onde passam os mais illustres personagens e a gente mais humilde, fervorosa e crente do nosso concelho. Barcelos, além disso, muito lhe deve, pois muito trabalhou para que ele progredisse e se tornasse conhecido através do país e do mundo. Organizou exposições, paradas agrícolas e militares que trouxeram movimento e dinheiro para a nossa terra; deu impulso a muitas obras de vulto que engrandeceram a Rainha do Cávado. Foi como sabem, um prestigioso Presidente da nossa Câmara e desempenhou um alto cargo na Capitania do Porto. Era uma figura heroica, ganha pelos seus inumeros actos de bravura nas campanhas de Africa, sendo conhecido em todo o País pelas suas elevadas qualidades.

A cidade do Porto não esqueceu os muitos préstimos que dele recebeu, e assim uma das suas ruas tem o nome do nosso saudoso Amigo.

E Barcelos que tanto lhe deve, que é a sua terra, onde nasceu e morreu, que fez em memória desse egrégio Barcelense? Parece-nos que ainda nada, muito embora já fosse tempo de lhe ter patenteado a sua homenagem. É digno que também uma rua da nossa terra tenha o seu nome, para que seja lembrado por todos nós, e mais ainda, para que todos saibam que Barcelos não esquece os seus filhos que trabalham pelo seu progresso, pelo seu nome, pelo bem estar de toda a comunidade barcelense.

Existem tantas ruas, com nomes dissonantes, já gastos, que não dizem nada aos barcelenses, e que esperam um outro nome, mais querido para todos nós, que nos faça vibrar de alegria por possuímos tão illustre cidadão.

Vamos então, Ex.º Sr. Presidente da Câmara, prestar a nossa sentida homenagem a Esse Barcelense, dando-lhe o nome a uma das nossas ruas.

R. C.

Estrada Barcelos-Braga, por Prado

Segundo nos informam, o illustre Ministro das Obras Públicas já autorizou a grande repara-

ção desta estrada, que se encontra num estado de ruína, impossibilitando o trânsito.

Bom é que se iniciem os trabalhos logo que o tempo o permita.



Comandante Frederico Carvalho, falecido em 17 de Junho de 1961. Para recordar a memória do prestimoso Bombeiro que foi Soldado da Paz mais de 50 anos, foi colocada uma placa no seu jazigo, cuja legenda já acima a transcrevemos



Novo Pronto-Socorro dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, cuja inauguração se efectuou no dia 7 do corrente. O seu apetrechamento é o mais moderno que há no País. Com mais este excelente Pronto-Socorro a Corporação muito enriqueceu o seu material



Henrique António da Costa Correia, Sub-Chefe dos B. V. B. e dador de sangue (tendo já dado 78 transfusões, perizando 20 litros) e que, no dia 7, foi condecorado com a Medalha de Ouro de 30 anos de Bons Serviços

Manifestação Patriótica em BARCELINHOS

Os *Barcelinenses*, em íntima união com todos os Portugueses espalhados no mundo, vibrando de forte indignação contra a nefanda atitude do inqualificável pandita Nerhu—o monstro pacifista do século XX—ao pretender anexar GOA à União Indiana, vão manifestar publicamente a sua repulsa por tão criminoso atentado. Aproveitam, para o efeito a oportunidade que lhes oferece a próxima festa de São Sebastião a quem a Igreja e a Pátria sempre têm invocado quando os inimigos da Verdade e do Bem nos obrigam a tomar as armas.

A grande e significativa manifestação será no dia vinte à noite.

Na eloquência invencível do *Silêncio* e da *Oração* manifestaremos a nossa *Repulsa* e a nossa *Esperança*.

Entretanto far-se-á uma Novena preparatória solene, que teve início no dia 11 às 21 horas. Nos dias seguintes, e com o mesmo horário continuará a Novena que consta da reza do terço, uma alocução apropriada e benção com o S. S. SACRAMENTO.

A *ÍNDIA PORTUGUESA* vilmente roubada à mãe Pátria—Uma Aliança multisécular traçoicamente desfeita—É a impotência vergonhosa do Ocidente para deter a marcha diabólica do comunismo ateu e materialista—serão objecto da nossa meditação.

Convidamos todos a fazerem-no conosco. C.

CINE-TEATRO GIL VICENTE

No proximo domingo, de tarde e á noite, apresenta em CinemaScope e colorido, a produção italiana:

FÉRIAS DE INVERNO

Uma moldura mundana e requintada no cenário da elegante estância de Cortina d'Ampezzo.

Com Alberto Sardi, Michele Morgan, Vittorio de Sica, Eleonora R. Drago, Renato Salvatori, Dorian Gray, Georges Marchal, Christine Kauffman, Vira Silenti e Pierre Cressoy. Para maiores de 17 anos.

Na proxima 5.ª-feira, á noite, um filme policial tecnicamente admiravel:

METROPOLITANO NO ESPAÇO

Um filme onde tudo se entrelaça, com brilho, para acicatar a expectativa e manter os nervos sempre inquietos.

Uma realização em que o «sussoense» é rei.

Com Van, Johnson e Hildegard Neff.

Produção inglesa. Também para adultos.

Brevemente: O CÉU NÃO ESTÁ À VENDA

Produção da U.F.A.

A União Indiana pôde fazer a guerra contra nós mas não pode sem nós restabelecer a Paz

(Continuação da 1.ª página)

Em relação ao estado actual do mundo afirmou:

«Há no mundo três ou quatro nações—meia dúzia o máximo—que não recelam ou não têm de recelar ser agredidas por outras; mas todas as mais ou vivem do consenso unanime de que a sua independência e integridade são respeitadas ou estão à mercê dos mais ambiciosos e fortes. Não se foge à dificuldade e ao perigo senão pela forma clássica de alianças que constroem sistemas de forças equiparadas, ou por organização tendente a abranger a universalidade das nações pacíficas. Simplesmente no primeiro caso é essencial o cumprimento dos tratados e no segundo a fidelidade aos Pactos, e a crise moral em que nos debatemos não assegura nem uma coisa nem outra.»

Entrando na parte final do discurso transcrevemos os seguintes passos:

«Pois que não aceitamos a validade do facto consumado, a questão de Goa não terminou; pode dizer-se com verdade que é mesmo agora que começa. As razões que nos impediram de negociar a cedência dos territórios do Estado Português da Índia são as mesmas que em absoluto nos vedam de reconhecer a conquista. A União Indiana pôde fazer a guerra contra nós, mas não pôde sem nós estabelecer a paz. Da mesma forma que não houve renúncia de forças nem entrega de barcos, também não pôde haver tratado que reconheça a soberania da União sobre aqueles territórios. Terá de aguardar-se que a comunidade internacional repare o agravo à soberania portuguesa e a reintegre nos seus legítimos direitos, para ser restabelecida uma situação normal. Por este motivo vai ser submetida à Assembleia Nacional proposta de lei com o fim de se assegurar o funcionamento dos órgãos do governo daquela Província nas presentes circunstancias.»

Terminando com as seguintes palavras:

«Uma pergunta desejava ainda fazer: em face dos factos não será lícito duvidar da justeza dos caminhos por onde foi conduzida a nossa política com a União Indiana, no respeitante a Goa? Respondo com outra pergunta: as outras soluções que se nos depa-ram que resultado trariam? A negociação, a entrega; a independência, a perda do pequeno Estado com a integração subsequente; a constituição de uma federação com o Estado independente de Goa fariam regressar a questão ao principio por ser

«CASA E QUINTA DA BAGOEIRA»
EM BARCELOS

Notas de História e Genealogia

por: *Ilídio Eurico Gomes Ramos*

(Continuação do último número)

SEBASTIÃO DE FARIA, filho de D. Catarina Afonso de Faria e quinto neto do Alcaide de Faria, casou com D. Grácia Machado Carmona, de cujo casamento houveram os seguintes descendentes: Baltazar de Faria Machado, D. Gaspar de Faria (Bispo de Angra do Heroísmo), D. Isabel de Faria, D. Maria de Faria e Frei Francisco de Faria.

BALTAZAR DE FARIA MACHADO, filho de Sebastião de Faria, casou com D. Briolanza de Sousa que teve três filhos: Baltazar de Faria, D. Maria de Faria e D. Leonor de Sousa. Casou em segundas núpcias com D. Camila Velho Tinoco, havendo os descendentes: Francisco Velho Tinoco e D. Ana de Faria, que foi Freira no Convento de Vairão. Do terceiro casamento deste fidalgo com D. Marta de Almeida, existiram: Lourenço de Faria, Gaspar de Faria Machado, Jerônimo Mariz de Faria e D. Francisca de Faria Machado.

FRANCISCO VELHO TINOCO, filho de Baltazar de Faria Machado e de D. Camila Velho Tinoco, sua segunda esposa, foi Senhor da Casa da Bagoeira no ano de 1594, e casou com D. Maria Ribeiro de Faria, de cujo matrimónio existiu a seguinte descendência: Frei Baltazar Ribeiro de Faria, Pedro de Faria, Jacinto Velho Tinoco, D. Camila de Faria, João de Faria Machado e António Velho de Faria.

JOÃO DE FARIA MACHADO, Fidalgo da Casa Real, instituiu o Morgadio da Bagoeira em 1660, e casou com D. Isabel de Faria, filha de Sebastião de Faria, que teve a seguinte geração: Francisco Velho, Sebastião de Faria e António de Faria Machado.

ANTÓNIO DE FARIA MACHADO, filho de João de Faria Machado, foi Senhor da Casa da Bagoeira, e casou no ano de 1673 com D. Joana da Fonseca Pinto, que teve: João de Faria Machado, D. Clara de Faria e D. Maria José de Vilhena.

JOÃO DE FARIA MACHADO, neto do fidalgo do mesmo nome e filho de António de Faria Machado, foi Senhor da Casa da Bagoeira, e do seu casamento com D. Catarina de Gusmão existiram os seguintes descendentes: António de Faria Machado, Sebastião Luís de Faria Machado, Luís António de Faria e D. Clara de Vilhena. Foi ainda pai dos bastardos, Miguel de Faria e Gabriel de Faria.

SEBASTIÃO LUÍS DE FARIA MACHADO, filho de João de Faria Machado, foi Senhor das Casas da Bagoeira, e das Hortas em Braga, e casou em 4 de Maio de 1720 com D. Inocência Maria de Melo e Lima, de quem existiram três filhos: António de Faria Machado, João António de Lima e D. Maria Clara de Faria.

ANTÓNIO DE FARIA MACHADO, filho de Sebastião Luís de Faria Machado, foi Senhor da Casa da Bagoeira, casando em 2 de Outubro de 1768 com D. Maria Tomásia Pereira de Miranda, de quem houveram os seguintes fidalgos: João de Faria Machado, António de Faria Machado, Sebastião de Faria, D. Maria Casimira de Faria, José de Faria, Francisco de Faria, D. Ana Carolina de Vilhena Faria de Gusmão e Luís de Faria Machado.

JOÃO DE FARIA MACHADO, filho de António de Faria Machado, foi Senhor da Casa da Bagoeira e casou com D. Maria Inácia Pinto Roby da Costa Pereira Pacheco, de quem nasceram quatro filhos: Sebastião de Faria, João de Faria, D. Maria Casimira de Faria e D. Mariana de Faria.

Ligados a esta Casa e Quinta da Bagoeira houveram mais os seguintes fidalgos: Braz de Faria, que foi Senhor da Quinta de Pedregais, Sebastião de Faria, filho de Manuel de Faria que foi Senhor da Quinta de Pedregais, D. Maria de Faria e Sá, também Senhora da Quinta de Pedregais, António de Faria Machado, (Abade de Touguinhó) em Vila do Conde que instituiu o Morgado da Quinta de Pedregais em Faria, José de Faria (Cónego da Sé Catedral de Braga), João de Faria Machado de Miranda, Fidalgo da Casa Real e Senhor das Casas das Hortas em Braga, e da Bagoeira em Barcelos, Baptista Lima de Abreu, Moço-Fidalgo casado com D. Filipa de Sousa, Leonel Lima de Abreu casado em Viana com D. Mariana da Rocha, António Lima de Abreu, Fidalgo da Casa Real casado com D. Maria de Lima e Melo, D. Maria Tomásia de Miranda, filha de Manuel Félix Pereira de Miranda (Morgado de S. Miguel e Sargento-Mór de Braga), e de D. Ana ou Maria Antónia de Miranda, e nos outros fidalgos existiram com parentesco nesta Casa, ligados a muitas famílias, não só do Minho como de outras províncias.

Esta família da Casa da Bagoeira teve descendência nos Farias Robys, de Braga, últimos representantes da nobre Casa e Quinta das Hortas, onde corria sangue dos Farias de Barcelos.

Martim Velho Tinoco, filho de Alvaro Velho, foi Senhor da Quinta da Bagoeira, pelo seu casamento com D. Ana Martins Cogominho, filha de João de Barcelos Cogominho, e de sua esposa D. Brites Annes Cício, no título de Barcelos Cogominhos. Foram Senhores da dita quinta, como consta da escritura de 23 de Setembro de 1585, e viveram em Barcelos.

Muito mais podíamos escrever à cerca dos Farias Machados, Senhores da casa e Quinta da Bagoeira, de Barcelos, mas como o espaço escasseia, por aqui nos detemos nas nossas notas sobre a ilustre linhagem desta família, que à Pátria prestaram relevantes serviços, e que não lhes corresse nas veias o sangue generoso dos Alcaides do glorioso Castelo de Faria, que sacrificaram a sua vida pela integridade do Reino, que tanto amaram).

considerada esta fórmula como a continuação do nosso colonialismo na Índia. Em qualquer destes casos perda irreparável e sem esperança. E nós devemos continuar a esperar.

Pelas reacções verificadas em todo o mundo português e em todos os países onde existem núcleos de portugueses podemos concluir que o sentimento exigia não mentirosas negociações para encobrir o esbulho mas a afirmação do nosso direito, a denunciação da agressão e a luta em todos os campos para fazer-lo reconhecer. O sentir nacional foi tão vibrantemente afirmado por todos os nossos meios de informação que não seria lícito desconhecer-lo e seria imperdoável duvidar da sua autenticidade. Toda a Nação sente na sua carne e no seu espírito a tragédia que se tem vivido, e vivê-la no seu seio é ainda uma consolação, embora pequena, para quem desejaria morrer com ela.

E mais palavras para quê? Todos os Bons Portugueses saberão olhar pela sua Pátria, seguindo sempre em frente para a defesa dos seus direitos. Para isso não temos mais que agruparmo-nos em volta dos nossos Chefes, e dizer-lhes que todos estamos com eles.

TOTOBOLA
Apostas Mútuas Desportivas
Agente Oficial em BARCELOS
CAFÉ E LEITARIA DA PRAÇA

FARMÁCIA DE SERVIÇO Amanhã está de serviço a Farmácia CENTRAL, nesta cidade.

Em Aldreu

José Vieira de Sá Tomaz, depois de 31 anos de estadia na Argentina, participa aos seus parentes e amigos que, na companhia de sua família, já se encontra na sua Casa de Aldreu, onde espera receber as suas visitas.

Vende-se

Maquina de apanhar malhas em meias, marca (Vitos) com repuchadôr de malhas. Informa a redacção.

CASA DE HABITAÇÃO

Na Estrada de Baixo, Arcoselo, aluga-se.

Falar na Padaria Baptista.

M O A G E M

Vende-se, falar com o Sr. Justino Pereira Martins.

BARCELOS.

Terreno para construção

Vende-se nesta cidade. Informa, por favor, João Araújo Novo, Largo da Madalena, Barcelos.

ALTO-FALANTES

Preferiam sempre a CASA SOUCASAUX

Telefone 82345

Fotografias, Rádios, Oculos Artigos fotográficos, etc. Barcelos

TERRENO

Vende-se, em talhões, na «Quinta do Olivai», próprio para construções. Já está integrado no Plano de Urbanização.

Para mais informações falar com o Sr. José Torres, em S. João de Vila Boa.

Automovel—Renault

(Joaninha)

Vende-se, um, em bom estado. Informa esta Redacção.

Rádio

Televisão

Electricidade

ARMINDO SILVA

Rua D. António Barroso, 89=1.º

Telefone 82708

MANUEL MONTEIRO

DE CARVALHO

Médico

Consultas das 12 às 13 e das 15 às 18 horas

Telef. Consultório 82325

Residência 82609

Consult.: Campo 5 de Outubro, 14

GRANDE ARMAZEM

ALUGA-SE um, na Avenida Alcaides de Faria. Informa esta Redacção.

AMIEIROS

Compra aos melhores

preços a V.ª de José Luís da Cunha.

Largo da Calçada, 38

BARCELOS

CÉSAR CARDOSO

ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9

Telefone 82447

BARCELOS

D. Tereza de Jesus

Monteiro

AGRADECIMENTO

Seus filhos e demais familiares vêm, por este unico meio, agradecer a todas as pessoas que tomaram parte no funeral e que lhes apresentaram condolências por motivo do triste desenlace.

A todos, pois, um muito obrigado.

Pedidos de casamento

Para seu filho, Sr. Fernando da Conceição de Araújo Gonçalves, Professor oficial, foi pedida pelo Sr. Joaquim Gonçalves, proprietário, de Salto, Montalegre, a mão da Sr.ª D. Maria Emília Caravana Novo, Professora oficial, filha do Sr. João Araújo Novo e de D. Celeste da Costa Caravana Novo.

O enlace realiza-se em breve.

§ § §

No dia 1 do corrente, foi pedida a mão da menina Maria de Lá Saléte Calás de Oliveira Carvalho, simpática filha da Sr.ª D. Joaquina de Oliveira Carvalho e do Sr. José Lucindo Cardoso de Carvalho, Editor deste Semanário, para o Sr. Manuel da Silva Gonçalves, habil Afinador de Máquinas, filho da Sr.ª D. Maria Rosa Afonseca da Silva e do Sr. Narcizo Fernandes Gonçalves, Industrial.

O enlace realiza-se a 13 de Maio.

§ § §

No mesmo dia, foi pedida em casamento a menina Maria Amélia Matos de Carvalho, inteligente Funcionária nos Escritórios da Fábrica «Tor», filha da Sr.ª D. Maria de Lourdes Torres Matos de Carvalho e do nosso amigo, Sr. António Teófilo de Carvalho, para o Sr. Manuel dos Santos Reis, digno Aj. Técnico de Radiologia no Porto.

Missa

No ultimo domingo, na Igreja Matriz, a Direcção do Sindicato Textil, mandou celebrar uma Missa por alma dos Portugueses mortos na Índia.

Este acto religioso foi muito concorrido.

Padre Benjamim Ferreira

de Sousa

No dia 17 do corrente, tem a



sua Festa Natalícia, completando 78 anos, este nosso prestimoso Amigo, ilustre Paroco de Oliveira e o principal elemento da Confraria de Nossa Senhora do Facho. Parabens, muito sinceros.

OBITUÁRIO

D. Felisbela Sousa Marques de Azevedo

No dia 20 do corrente, em Lisboa, faleceu a Sr.ª D. Felisbela Faria Duarte Sousa Marques de Azevedo, de 77 anos, Viuva do nosso saudoso amigo e que foi ilustre conterrâneo, Sr. Antonio Albino Marques de Azevedo e Mãe muito querida das Sr.ªs D. Maria Cristina, D. Maria José e Dr.ª D. Maria Olinda Sousa Marques de Azevedo e dos nossos também amigos, Snrs. Antonio A. de Sousa Marques de Azevedo, ilustre Colaborador deste Semanário e Funcionário Superior no Commissariado do Desemprego em Lisboa e Francisco Sousa Marques de Azevedo.

D. Fernanda Atália Gonçalves de Freitas Guimarães da Quinta

Conforme noticiamos no ultimo numero, no dia 29 de Dezembro, e após poucos dias de sofrimento, faleceu esta ilustre senhora, de 42 anos, Esposa muito querida do nosso prezado amigo, Sr. Casimiro da Silva Quinta, conceituado Negociante da nossa praça.

A finada, Mãe extremosa dos nossos amigos, Snrs. Jorge Manuel e António Casimiro Guimarães da Quinta, este, Estudante liceal e, aquele, Estudante Universitário, era muito esmolero e estimado.

O funeral foi muitissimo concorrido, foi uma grande manifestação de Saudade pela extinta.

Abade de Lijó

Em Lijó, freguesia que parou mais de 40 anos, faleceu o nosso amigo, Sr. Padre Manuel Joaquim de Sá, de 79 anos, natural de Aldreu.

O seu funeral foi muito concorrido.

D. Teresa de Jesus Monteiro

Com 84 anos faleceu, nesta cidade, esta senhora, Mãe dos nossos amigos Snrs. Manuel e Mateus Monteiro. O funeral realizou-se domingo, com grande concorrência.

—A's famílias em luto, enviamos o nosso cartão de pesar.

Torneio de Ténis

No dia 17 do corrente deve começar o Torneio Popular de Ténis de Mesa, promovido pelo Quei Clube de Barcelos.

Esta modalidade tem estado muito esquecida do nosso publico.

Donativo para a Franqueira

O nosso prezado amigo, Sr. Manuel da Graça Pereira, mandou entregar á Confraria de Nossa Senhora da Franqueira a importância de Esc. 340\$00, donativo que recebeu dos Srs. Engenheiro Ad. Pinheiro e Manuel Coelho da Costa, de Newark, Estados Unidos da América.

Bem hajam.

Festas de anos

No dia 9 do corrente fez anos a Sr.ª Dr.ª D. Benedita Maralhas Correia Perdigão Lima da Costa, ilustre Professora e, no dia 7, fez 50 anos o nosso amigo, Sr. João Costa Amorim, considerado e digno Chefe da P. S. P., nesta cidade.

Parabens.

TOTOBOLA
AGENTE OFICIAL

José Pereira da Silva Corrêa

CASA IRIS—Barcelos

FUTEBOL

Campeonato Regional de Braga da I divisão

Domingo, nesta cidade, jogou o Gil Vicente contra os Leões, de Braga. Este Grupo foi derrotado por 4—0.

—Amanhã, o nosso team, vai a Viana do Castelo defrontar se com o Fluvial daquela cidade. E' o último jogo de Campeonato.

SARRABULHO

Amanhã, na antiga CASA DE JOSÉ TOUCINHEIRO, na Rua Duque de Bragança, há o Saboroso SARRABULHO á moda de Barcelos.

Os VINHOS, são dos melhores da Região.

D. Maria da Glória Faria Figueiredo

Missa do 30.º dia—Agradecimento

A família em luto participa ás pessoas amigas que no dia 17 do corrente, pelas 7 horas, na Igreja de Barcelinhos, será celebrada a Missa do 30.º dia por alma da saudosa finada, agradecendo, antecipadamente, ás pessoas que tenham a bondade de assistir a esse acto religioso.

—A família dorida julga ter agradecido a todas as pessoas que tomaram parte no funeral, mas podendo haver qualquer falta, involuntária, vem, por este meio, repará-la. Barcelinhos, 12 de Janeiro de 1962.

Doentes

Continuam enfermos os nossos amigos, Snrs. Emilio Perestrelo, Joaquim Domingues de Almeida, José Perestrelo, Avelino Gonçalves da Silva, José Leite Martins, Manuel Correia Fernandes e José Rodrigues Pereira.

Que em breve se restabeleçam, são os nossos votos

Se aprecia Café

Tome-o ou compre-o no Café e Pastelaria Arantes porque é difícil encontrar igual em qualquer parte.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGENCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41—Telefone 82318

Descontos—Depósitos à ordem e a prazo—Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras**RECAUCHUTAGEM, MAGNIFICA, LIMITADA**

Com sede em Barcelos

Para os devidos e legais efeitos se publica que por escritura lavrada em 18 de Fevereiro de 1960, do 4.º Cartório Notarial do Porto, a cargo do notário Bacharel Armando Valfredo Pires, no livro de notas n.º 123—B, a fls. 62 v.º e seguintes, os srs. AGOSTINHO MARTINS PEREIRA RAMOS, EMÍDIO FERNANDES e MÁRIO FERREIRA BARBOSA, constituíram entre si uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos contantes dos seguintes artigos:

Art.º 1.º—A sociedade adopta a denominação de «RECAUCHUTAGEM MAGNIFICA, LIMITADA», tem a sua sede e domicílio no lugar de Febros, freguesia de Viados, concelho de Barcelos, distrito de Braga, podendo o estabelecimento ser mudado por simples deliberação dos sócios, durará por tempo indeterminado, a contar de hoje, e poderá estabelecer filiais ou outra espécie de dependências em qualquer localidade do território metropolitano desde que nisso os sócios acordem.

Art.º 2.º—O seu objecto é a recauchutagem, vulcanização e venda de pneus, mas poderá vir a dedicar-se a quaisquer outros ramos, de indústria ou comércio, em que os sócios acordem.

Art.º 3.º—O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, é de 30.000\$00, em três quotas iguais, de 10.000\$00, uma de cada sócio.

PARAGRAFO 1.º—Não haverá prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer à «Caixa», os suprimentos de que a sociedade carecer, nas condições de juro e de reembolso, determinadas em Assembleia Geral.

PARAGRAFO 2.º—A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios, ficando desde já permitidos quaisquer precisos destaques ou divisões;—quando para estranhos, carecem tais operações do prévio consentimento da sociedade e dos sócios não cedentes, que se reservam o direito de preferência, primeiro aquela e depois estes.

Art.º 4.º—A gerência social, dispensada de caução, compete a todos os sócios, sendo, no entanto, facultativa para o sócio Agostinho Martins Pereira Ramos, e obrigatória para os restantes, os quais lhe deverão dedicar toda a sua actividade, não usufruindo, porém, qualquer dos três, remuneração alguma.

PARAGRAFO 1.º—Os documentos de mero expediente poderão ser firmados por qualquer dos sócios;—os de responsabilidade, porém, nomeadamente letras, contratos, cheques e recibos, só terão validade quando assinados pelo sócio Agostinho Martins Pereira Ramos, conjuntamente com um dos dois restantes sócios indistintamente, e o mesmo se observará nos documentos relativos à compra, ven-

da, oneração e alienação de viaturas automóveis.

PARAGRAFO 2.º—Fica expressamente proibido aos sócios, obrigar a sociedade em actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, nomeadamente em letras de favor, fianças, abonações e responsabilidades semelhantes, sob pena de responder para com ela pelos prejuizos que lhe cause, o que infringir esta disposição.

Art.º 5.º—Anualmente será dado um balanço, com referência a 31 de Dezembro, devendo os lucros líquidos neles apurados, depois de retirados cinco por cento para fundo de reserva legal, ser divididos pelos sócios, na proporção das quotas, e de igual modo serão, suportados os possíveis prejuizos, até ao limite da responsabilidade legal.

Art.º 6.º—Pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará, com os sobreviventes ou capazes, assumindo nela os herdeiros—representados por um só, durante a indivisão da quota—ou o representante do falecido ou interdito, os correspondentes direitos e obrigações.

Art.º 7.º—Dissolvendo-se a sociedade todos os sócios serão liquidatários, procedendo à liquidação e partilha dos haveres sociais, como ajustarem e for de direito, ficando, porém, estabelecido desde já que, se mais do que um sócio pretender esses haveres, eles serão adjudicados, com todo o activo e passivo, ao que maior preço oferecer e der melhores garantias de pagamento, mediante licitação verbal.

Art.º 8.º—A sociedade poderá adquirir e amortizar quotas nos casos seguintes:—a)—por acordo com os seus proprietários;—b)—quando se achar feita penhora ou arresto, não embargado, sobre a quota, ou quando ela tenha sido dada em penhor;—c)—quando seja declarado insolvente ou falido qualquer sócio.

PARAGRAFO UNICO:—Deliberada a amortização, proceder-se-á a balanço, valorizando-se, devidamente, o activo, para se apurar o que pertence ao dono da quota, incluindo a parte relativa aos fundos existentes, podendo o pagamento da importância apurada ser feito em doze prestações mensais e tanto quanto possível iguais, representadas em igual número de letras, garantidas por fiador idóneo e acres idas do juro à razão anual de quatro por cento.

Art.º 9.º—As assembleias gerais, para que a Lei não estabeleça prazos e formalidades especiais, serão convocadas por meio de cartas registadas, com antecedência nunca inferior a oito dias.

Art.º 10.º—Em tudo o omissivo regulará a Lei aplicável e as deliberações tomadas em assembleia geral.

Art.º 11.º—O sócio e gerente Agostinho Martins Pereira Ra-

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Barcelos
Convocação da Assembleia Geral

De harmonia com o disposto nos estatutos desta colectividade convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir em sessão no dia 18 do mês de Janeiro de 1962, pelas 14 horas, no edificio da sede social.

Não havendo número legal para a Assembleia funcionar, fica a mesma convocada sem outro aviso para o dia 25 do mesmo mês e hora.

ASSUNTOS A TRATAR

a)—Apreciação e discussão do Relatório, aprovação de contas do exercício da Gerência durante o ano de 1961.

b)—Eleição dos corpos gerentes que hão-de servir no exercício—1962.

c)—Fixar as remunerações dos empregados.

Os livros de escrituração e todos os documentos respeitantes às operações sociais serão facultados ao exame dos associados durante os oito dias anteriores ao dia designado para a primeira convocação.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Barcelos, 31 de Dezembro de 1961.

O Presidente da Assembleia Geral,

Américo Gomes Fernandes de Figueiredo (Dr.)

EM ARCOZELO

Lugar do Poceiro, vende-se uma quintinha que dá 5 pipas de vinho, 2 carros de pão, e tem muitas árvores de fruto.

Tem casas de senhorio e caseiro e os automóveis vão até à porta.

Informa a Redacção.

Casa com magnífico quintal

Vende-se, próximo desta cidade, por preço muito razoável.

Informa por favor, o Sr. Emídio Rodrigues, enfrente ao Mercado.

Casas e terrenos para construção

Vendem-se na Rua Duque de Bragança.

Informa por favor, o Sr. Abílio Rodrigues de Sousa.

CASA

Vende-se a no Largo do Senhor da Cruz, n.º 11 e 12.

Falar nesta Redacção.

mos, fica com a faculdade de delegar os seus poderes de administração em qualquer dos seus consócios, ou mesmo em estranhos, mas neste ultimo caso só com o acordo dos seus consócios.

Vai conforme o originam na parte transcrita.

Porto e 4.º Cartório Notarial, 25 de Fevereiro de 1960.

O ajudante do Cartório
João Augusto Seixas Gomes.

**Seu relógio é um objecto delicado**

Confiando-o sempre a relojoeiro experimentado e cuidadoso terá melhor funcionamento e mais anos de duração.

JAIME DE MATOS ARAÚJO
(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

Está às suas ordens e agradece a preferência

Rua Faria Barbosa, 1 (Junto à Ponte)—BARCELOS

CASA ARANTES EM BARCELINHOS

De CANDIDO FERNANDES ARANTES

O proprietário da Casa Arantes, no Largo Guilherme Gomes Fernandes, pede a todos os seus amigos que façam uma visita ao seu novo estabelecimento, onde serve almoços, jantares e sandes por preços módicos.

Os VINHOS são dos melhores da região.

«PINCOR»

«ESCOLA DE CONDUÇÃO»

Preferi-la é defender os v. interesses. Scooter, Motociclos, Ligeiros e Pesados. Amadores e Profissionais.

INSTRUTORES PERMANENTES DE

TEÓRICA E TÉCNICA

«PINCOR»

Praça da Batalha, 137—Telefone 24772—PORTO

Crónica de Milhazes**FESTIVIDADE**

No dia 26 de Dezembro do ano findo, principiou o Tríduo em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi contereente o Rev.º Padre Superior dos Capuchinhos da Casa de Barcelos, que agradou admiravelmente. No dia 3 de manhã elevado numero de Sacerdotes, atenderam de confissão, todas as pessoas que se quiseram preparar para receber Jesus, na Sagrada Comunhão. Dia 31 ás 6 horas da manhã houve missa rezada, e Comunhão Geral que foi distribuída a algumas centenas de pessoas. Às dez horas, Missa solene em que tomaram parte os Rev.ºs Párocos de Faria, Fornelos e Vilar de Figs. O Grupo Coral desta freguesia, mais uma vez fez ouvir a «Missa Undécima, de Moreno», que toda a assistência ouviu com agrado. Às 15 horas, recitação do Terço, Sermão, terminando esta festa com a Bênção do Santíssimo Sacramento.

ANIVERSÁRIOS

No dia 3 de Novembro teve o seu aniversário natalício a menina Teresa Ferreira de Brito. No dia 18 a Sr.ª D. Bertelina Luiza de Brito, mãe do nosso amigo Sr. Manuel Brito Dourado, estimado Industrial nesta freguesia. Também, no dia 24, fez anos a menina Maria Dolores Vieira Mendes, residente em Coimbra.

Que continuem a fazer mais anos são os nossos votos.

FALECIMENTO

No dia 29 do mesmo mês, faleceu a Sr.ª Carolina Pereira Barreto, de 39 anos, casada com o nosso amigo Sr. Manuel da Costa Barreto. Deixou sete filhinhos. Paz á sua alma. C.

Por Tamel S. Veríssimo

Na Igreja Paroquial receberam as águas lustrais do Baptismo:

A primogénita do nosso conterrâneo Sr. António José Linhares e da Sr.ª Maria dos Prazeres Pereira Vilas Boas. Recebeu o nome de Maria Isabel e foram padrinhos a Sr.ª Maria Isabel Martins de Sá e o Sr. José Maria Gonçalves Linhares.

—A neófito, filha do Sr. António Pereira do Vale e da Sr.ª Maria da Glória da Silva Rodrigues, recebeu o nome de Maria de Fátima e foram padrinhos a Sr.ª Maria de Fátima Martins Duarte e o Sr. António da Silva Rodrigues.

—O bom povo do lugar da Cachada desta freguesia, continua preocupado, lembrando-se que tem de passar outro Inverno com o caminho que dá acesso a esse populoso e progressivo lugar, no lamentável estado em que se encontra.

Torna-se realmente urgente reparar este caminho, por onde diariamente têm que passar os operários para as tábricas e oficinas e os camponeses com as suas alfaias para o amanho das terras.

E' realmente lamentável pensar que se terão de descalçar os operários, para evitarem de rastejar por cima dos matos, ou que os lavradores não possam cultivar as suas terras, na altura própria, simplesmente porque o aqueduto do referido caminho, não é suficiente para escoar as águas que para ali afluem quando o Inverno se faz sentir. C.

GARAGEM

Na Rua Faria Barbosa, alugase uma boa Garagem para automóvel.

Informa esta Redacção

Confie os seus capitais a

PINTO DE MAGALHÃES
BANQUEIROS

estão seguros e rendem sempre mais

CAPITAL E RESERVAS: SETENTA E CINCO MILHÕES DE ESCUDOS

PORTO—Rua de Sá da Bandeira, 53 • Telefone, 20133 P.P.C.A.

LISBOA—Rua do Ouro, 95-99 • Telefone, 366056 P.P.C.

AMARANTE-ARCOS DE VALDEVEZ-PENICHE-VILA DA FEIRA-FÁTIMA-ELVAS

CORRESPONDENTE NO BRASIL

CASA BANCÁRIA PINTO DE MAGALHÃES, L.ª

RUA DO OUVIDOR, 86 • RIO DE JANEIRO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS